

Delfim ironiza idéia do PMDB

O deputado Delfim Netto (PDS-SP) afirmou, ontem, não terem sentido as preocupações do governo e de políticos do PMDB com a questão da dívida externa. "O que se faz é utilizar o problema da dívida externa para acobertar a incompetência para enfrentar e resolver os graves problemas de política interna", disse o ex-ministro.

Delfim ironizou a proposta que o deputado Pimenta da Veiga trouxe de sua viagem aos Estados Unidos, a qual consiste na compra da dívida pelos Bancos Centrais das Nações credoras, com deságio de 45 por cento. Os devedores pagariam as suas dívidas pelo valor nominal em bônus emitidos para resgate em um prazo de 40 anos. "Quem vai pagar isso"? — indagou.

CALCANHAR-DE-AQUILES

Não existe nenhum problema em negociar com o Fundo Monetário Internacional, para o ex-ministro. As lideranças do PMDB é que transformaram essa instituição na Besta do Apocalipse. O FMI não prescreve políticas ou modelos, como se disseminou pelo País inteiro. E nem monitora as contas internas de qualquer nação.

— Eu é que monitorava o FMI — brincou Delfim.

— Mas o senhor ajudou este país a ser mais surrealista ao assinar sete Cartas de Inten-

ções com o FMI para não cumprir nenhuma... arriscou um relatório, numa roda que se formou em volta do ex-ministro junto ao plenário da Constituinte.

— E daí? — retrucou o ex-Ministro. A gente concorda com uma carta de intenções, que a realidade pode mostrar inexchangeável.

Em seguida, disse que reduziu o déficit público a níveis toleráveis para o País, enquanto o atual governo revela-se incapaz de cortar despesas. Em seu entender, o chamado Plano Bresser corre o risco de sofrer um retumbante fracasso, com a volta da inflação a altos níveis, porque o governo não ousa cortar as despesas da pesada máquina estatal.

A dívida externa não é o problema que muitos pintam, segundo Delfim. Ele indaga se o País não ficou mais rico com os bens e empreendimentos adquiridos ou construídos com a dívida de mais de 110 bilhões de dólares. A dívida tem de ser negociada pelo Brasil com os credores, incluindo a clássica mediação do Fundo Monetário Internacional.

Nunca existiu, segundo Delfim Netto, uma intervenção do Fundo Monetário Internacional capaz de comprometer a soberania do Brasil. No Governo Figueiredo, quando ele era Ministro do Planejamento, as mis-

sões vinham ao Brasil coletar dados e informações para preparar relatórios sobre a situação brasileira.

— E os relatórios eram sempre muito favoráveis ao País. E uma estupidez, mais do que isso, uma burrice, imaginar que a Sra. Ana Maria Jul, do FMI, intervinha nos negócios do Estado. Ela era funcionária do FMI que vinha coletar informações para relatórios. Só isso.

O FMI, segundo o ex-ministro, não fornece modelos acabados de política econômica. "Eles querem planos com um mínimo de lógica e coerência. E um ato de inteligência ir ao FMI, disse Delfim.

O ex-ministro ridicularizou a fórmula trazida dos Estados Unidos pelo deputado Pimenta da Veiga, que esteve naquele país a convite oficial juntamente com colegas de vários partidos. Lembrou que, se os Bancos Centrais dos países onde se localizam os bancos credores do Brasil, por exemplo, comprassem a nossa dívida de 112 bilhões por apenas 55 por cento, tendo em vista o deságio de 45 por cento existente no mercado internacional, e bancassem o pagamento da dívida nominal pelos devedores em 30 a 40 anos, seria preciso indagar quem pagaria essa diferença.